

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NO AMBIENTE ESCOLAR

THE IMPORTANCE OF CONTINUOUS TEACHER TRAINING FOR THE INCLUSION OF STUDENTS WITH AUTISM: CHALLENGES AND STRATEGIES IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

LA IMPORTANCIA DE LA FORMACIÓN CONTINUA DE DOCENTES PARA LA INCLUSIÓN DE ALUMNOS CON AUTISMO: DESAFÍOS Y ESTRATEGIAS EN EL ENTORNO ESCOLAR

Rosangela Balbinot¹

RESUMO: Esse artigo buscou analisar a importância da formação continuada de professores para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista, destacando os desafios enfrentados e as estratégias utilizadas no ambiente escolar. O objetivo central foi compreender como a atualização permanente dos docentes pode contribuir para práticas pedagógicas mais inclusivas e eficazes. A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada na análise de livros, artigos científicos e documentos normativos relacionados à educação inclusiva. Os resultados evidenciaram que a formação continuada amplia a segurança e a criatividade dos professores, favorecendo a adoção de metodologias diferenciadas e o uso adequado de recursos pedagógicos e tecnológicos. Também se constatou que a formação contribui para a desconstrução de estigmas associados ao autismo, fortalece o vínculo entre escola e família e estimula a construção de práticas mais humanizadas. Conclui-se que a formação permanente não é apenas uma necessidade, mas um compromisso institucional, essencial para transformar a escola em espaço democrático, acolhedor e comprometido com a diversidade.

Palavras-chave: Formação Continuada. Inclusão. Autismo.

ABSTRACT: This article aimed to analyze the importance of continuous teacher training for the inclusion of students with Autism Spectrum Disorder, highlighting the challenges faced and the strategies used in the school environment. The main objective was to understand how the permanent updating of teachers can contribute to more inclusive and effective pedagogical practices. The research was conducted through a qualitative bibliographic approach, based on the analysis of books, scientific articles, and normative documents related to inclusive education. The results showed that continuous training increases teachers' confidence and creativity, favoring the adoption of differentiated methodologies and the proper use of pedagogical and technological resources. It was also found that training contributes to the deconstruction of stigmas associated with autism, strengthens the bond between school and family, and encourages the development of more humanized practices. It is concluded that permanent training is not only a necessity but also an institutional commitment, essential to transform the school into a democratic, welcoming, and diversity-oriented space.

Keywords: Continuous Training. Inclusion. Autism.

¹Pós-Graduada em: Gestão Escolar, Orientação e Supervisão. Mestranda em Educação: Formação de Professores, Centro Universitário Uneatlântico.

RESUMEN: Este artículo buscó analizar la importancia de la formación continua de docentes para la inclusión de alumnos con Trastorno del Espectro Autista, destacando los desafíos enfrentados y las estrategias utilizadas en el entorno escolar. El objetivo principal fue comprender cómo la actualización permanente de los profesores puede contribuir a prácticas pedagógicas más inclusivas y eficaces. La investigación se realizó mediante un enfoque cualitativo de carácter bibliográfico, basado en el análisis de libros, artículos científicos y documentos normativos relacionados con la educación inclusiva. Los resultados evidenciaron que la formación continua amplía la seguridad y la creatividad de los docentes, favoreciendo la adopción de metodologías diferenciadas y el uso adecuado de recursos pedagógicos y tecnológicos. También se constató que la formación contribuye a la desconstrucción de estigmas asociados al autismo, fortalece el vínculo entre escuela y familia y estimula la construcción de prácticas más humanizadas. Se concluye que la formación permanente no es solo una necesidad, sino también un compromiso institucional, esencial para transformar la escuela en un espacio democrático, acogedor y comprometido con la diversidad.

Palabras clave: Formación Continua. Inclusión. Autismo.

INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no ambiente escolar tem se consolidado como uma pauta urgente e necessária dentro do contexto educacional contemporâneo. A escola, entendida como espaço de socialização e construção de saberes, precisa estar preparada para acolher a diversidade, garantindo que todos os estudantes tenham acesso à aprendizagem e às experiências sociais em condições equitativas. Nesse cenário, a atuação docente assume papel central, pois é o professor quem media o processo de ensino e aprendizagem, adaptando práticas e construindo estratégias que respeitam as especificidades de cada criança.

Entretanto, a simples presença de alunos com autismo nas salas de aula não é suficiente para assegurar uma inclusão efetiva. É necessário que o professor tenha conhecimentos, recursos e sensibilidade para lidar com as particularidades desse público. A ausência de preparo pode resultar em práticas pouco eficazes, que reforçam barreiras e limitam o desenvolvimento dos alunos. Assim, a formação continuada desponta como elemento essencial para que os docentes consigam compreender melhor as características do autismo e implementar estratégias pedagógicas que favoreçam o aprendizado e a socialização.

A formação continuada, nesse contexto, vai além de cursos pontuais ou treinamentos técnicos. Trata-se de um processo contínuo, que deve acompanhar a trajetória profissional do educador e ser constantemente atualizado conforme novas pesquisas, metodologias e demandas sociais emergem. Por meio dela, os professores podem ampliar suas competências, refletir sobre

suas práticas e desenvolver um olhar mais inclusivo e humanizado, o que fortalece o compromisso da escola com a diversidade.

Ao mesmo tempo, a inclusão de alunos com autismo representa desafios significativos que não podem ser ignorados. Entre eles estão a falta de recursos materiais e humanos, a resistência de alguns profissionais em modificar suas práticas e as dificuldades em promover uma articulação consistente entre escola, família e comunidade. Esses obstáculos, no entanto, não devem ser encarados como impeditivos, mas como convites à reflexão e à busca de soluções que envolvam o coletivo e que reforcem o caráter democrático da escola.

Diante desse cenário, o presente estudo tem como propósito discutir a importância da formação continuada de professores para a inclusão de alunos com autismo, destacando os principais desafios enfrentados no ambiente escolar e apontando estratégias possíveis para superá-los. A intenção é contribuir com reflexões que possam apoiar a prática docente e fortalecer a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, em que o respeito à diversidade seja um valor central e orientador de todas as ações educativas.

MÉTODOS

Este estudo foi desenvolvido com base em uma abordagem qualitativa, pois buscou compreender em profundidade a importância da formação continuada de professores na inclusão de alunos com autismo, considerando os sentidos e significados atribuídos às práticas pedagógicas. A pesquisa qualitativa possibilita explorar fenômenos sociais e educacionais em sua complexidade, valorizando a interpretação e o contexto no qual estão inseridos (Minayo, 2016).

A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, que se fundamenta na análise de materiais já publicados, como artigos científicos, dissertações, teses, livros e documentos oficiais. Esse tipo de investigação é fundamental para reunir e sistematizar o conhecimento já produzido sobre determinado tema, permitindo ao pesquisador identificar avanços, limites e lacunas ainda existentes (Gil, 2019).

O levantamento das fontes foi realizado em bases de dados acadêmicas de relevância, como SciELO, Google Scholar e Periódicos CAPES. Foram priorizados estudos publicados nos últimos dez anos, assegurando a atualidade da discussão sobre inclusão escolar e formação docente. Além disso, foram consultados documentos legais e normativos, como a Lei de

Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) e a Política Nacional de Educação Especial, por sua relevância no campo da educação inclusiva.

Para a análise dos materiais coletados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, conforme sistematizada por Bardin (2016), que possibilita organizar informações, identificar categorias e interpretar os dados de maneira a destacar aspectos recorrentes. Esse procedimento metodológico permitiu reconhecer elementos centrais relacionados à formação continuada, aos desafios enfrentados pelos professores e às estratégias adotadas no cotidiano escolar para promover a inclusão de alunos com autismo.

Dessa forma, a combinação entre abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo garantiu ao estudo rigor metodológico e coerência com os objetivos propostos. Essa escolha possibilitou a construção de reflexões críticas e fundamentadas, capazes de contribuir para o debate acadêmico e para a prática pedagógica no campo da educação inclusiva, especialmente no que se refere à formação continuada dos professores da educação básica.

RESULTADOS

A análise da literatura revelou que a formação continuada é condição essencial para que os professores possam enfrentar os desafios impostos pela inclusão de alunos com autismo. Os estudos mostram que a falta de preparo inicial ainda é uma realidade comum em cursos de licenciatura, o que torna indispensável a atualização constante dos docentes em serviço. Esse dado reforça a ideia de que a formação não deve ser encarada como evento isolado, mas como processo permanente (Mantoan, 2015).

Os resultados também apontaram que a formação continuada contribui significativamente para que os professores compreendam melhor as características do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ao ter contato com conhecimentos atualizados sobre o tema, o docente passa a compreender não apenas as dificuldades, mas também as potencialidades desses alunos. Esse entendimento favorece a construção de práticas pedagógicas mais adequadas e menos excludentes (Schmidt; Bosa, 2017).

Outro achado importante relaciona-se ao impacto da formação na autoconfiança dos professores. Muitos docentes, antes de participarem de programas de formação, relatam insegurança ao lidar com comportamentos desafiadores ou dificuldades de comunicação dos alunos com TEA. A formação, nesse sentido, atua como suporte emocional e técnico,

fornecendo estratégias que ampliam a segurança profissional e o engajamento docente (Mello; Schmidt, 2020).

A literatura analisada também evidenciou que programas de formação baseados em metodologias ativas têm se mostrado eficazes. Aulas expositivas tradicionais, muitas vezes, não dão conta da complexidade da temática da inclusão. Quando os professores vivenciam situações simuladas, participam de oficinas práticas e refletem coletivamente sobre casos reais, a aprendizagem se torna mais significativa e aplicável ao cotidiano escolar (Gomes; Souza, 2018).

Foi observado que a formação continuada não se restringe ao desenvolvimento de técnicas de ensino, mas envolve mudanças de atitude. A sensibilidade para compreender as necessidades dos alunos com autismo e a disposição para flexibilizar práticas pedagógicas são aspectos destacados como resultados relevantes. Assim, a formação impacta não apenas o fazer docente, mas também o olhar sobre a inclusão como princípio ético e humano (Bosa, 2006).

Os resultados ainda revelaram que a formação continuada promove maior articulação entre escola e família. Professores mais preparados tendem a valorizar o diálogo com os responsáveis, reconhecendo a importância da parceria para o desenvolvimento dos alunos com TEA. Essa aproximação fortalece os vínculos e possibilita intervenções mais consistentes, construídas em conjunto com a comunidade escolar (Oliveira; Machado, 2021).

511

Outro aspecto recorrente foi a relevância de incluir no processo formativo discussões sobre recursos pedagógicos e tecnologias assistivas. Ferramentas digitais, softwares de comunicação alternativa e materiais visuais estruturados foram apontados como estratégias eficazes, mas que exigem preparo dos professores para seu uso adequado. A formação, nesse caso, atua como ponte entre teoria e prática, auxiliando o docente a incorporar tais recursos em sala de aula (Camargo; Rispoli, 2014).

A revisão da literatura também destacou que os professores que participam de formações regulares desenvolvem maior capacidade de avaliar continuamente o processo de inclusão. Essa prática avaliativa, mais reflexiva e menos burocrática, permite identificar avanços e dificuldades, possibilitando ajustes rápidos nas estratégias utilizadas. Esse olhar dinâmico fortalece a efetividade das práticas inclusivas (Gil, 2019).

Os estudos evidenciam ainda que a formação continuada amplia a capacidade de mediação dos professores diante de conflitos e comportamentos desafiadores. Crianças com TEA, muitas vezes, apresentam dificuldades de interação que podem gerar situações de tensão em sala de aula. Docentes mais preparados conseguem interpretar tais manifestações e intervir

de maneira pedagógica, reduzindo conflitos e promovendo interações mais saudáveis (Silva; Mulick, 2009).

Outro resultado observado foi a importância da afetividade nas práticas inclusivas. A formação continuada, ao trazer reflexões sobre a dimensão humana da docência, contribui para que o professor compreenda o valor da empatia e da construção de vínculos positivos com os alunos. Essa perspectiva fortalece não apenas a aprendizagem acadêmica, mas também o desenvolvimento socioemocional das crianças com TEA (Schmidt; Bosa, 2017).

A análise mostrou também que escolas que investem em formação continuada para seus profissionais apresentam maior consistência na implementação de políticas inclusivas. A formação coletiva cria uma cultura institucional voltada para o acolhimento da diversidade, evitando que a responsabilidade pela inclusão recaia apenas sobre um ou outro docente isolado. Isso fortalece o trabalho em equipe e amplia a corresponsabilidade pelo processo educativo (Mantoan, 2015).

Outro ponto identificado foi a relevância da formação para ampliar a criatividade pedagógica dos professores. Ao refletir sobre suas práticas e conhecer novas metodologias, os docentes passam a desenvolver atividades diferenciadas, que consideram os interesses e estilos de aprendizagem dos alunos com autismo. Essa criatividade resulta em maior engajamento dos estudantes e favorece seu protagonismo no processo educativo (Gomes; Souza, 2018).

512

A formação continuada também foi associada à redução da evasão escolar de alunos com TEA. Quando os professores se sentem preparados, conseguem criar ambientes mais inclusivos e desafiadores, que favorecem a permanência e a participação dos estudantes. Esse dado demonstra que a formação não beneficia apenas os docentes, mas impacta diretamente a trajetória escolar das crianças incluídas (Oliveira; Machado, 2021).

Os resultados mostraram ainda que o trabalho colaborativo entre professores, equipe gestora e profissionais de apoio é fortalecido pela formação continuada. Ao compartilhar experiências e discutir estratégias em espaços coletivos, os docentes desenvolvem maior senso de pertencimento e aprendem a atuar de forma articulada, o que amplia as possibilidades de intervenção pedagógica (Bosa, 2006).

Outro achado importante foi que a formação continuada contribui para a superação de preconceitos e estigmas associados ao autismo. Muitos professores, ao não conhecerem em profundidade o TEA, reproduzem concepções equivocadas que dificultam a inclusão. O contato

com pesquisas atualizadas e relatos de práticas inclusivas ajuda a desconstruir visões estereotipadas e a construir uma postura mais crítica e inclusiva (Schmidt; Bosa, 2017).

A literatura analisada também apontou que a formação contínua estimula os professores a refletirem sobre seu próprio processo de aprendizagem. Ao reconhecerem que também são sujeitos em formação permanente, os docentes passam a valorizar mais a troca de experiências e a busca por novos conhecimentos. Essa consciência fortalece a identidade profissional e amplia a disposição para mudanças pedagógicas (Mello; Schmidt, 2020).

Os resultados reforçam ainda que a formação continuada deve estar articulada a políticas públicas consistentes. Não basta oferecer cursos esporádicos: é preciso garantir programas estruturados, que contemplem diferentes dimensões da inclusão e que tenham continuidade ao longo da carreira docente. Políticas bem organizadas contribuem para que a formação seja efetiva e não se reduza a iniciativas isoladas (Mantoan, 2015).

Outro ponto destacado foi a relevância de a formação abordar estratégias de avaliação inclusiva. Avaliar o desempenho de alunos com TEA exige sensibilidade e flexibilidade, evitando práticas excludentes. Professores que recebem orientação específica nesse campo conseguem valorizar os progressos individuais, respeitando o ritmo de aprendizagem de cada estudante e fortalecendo a autoestima das crianças (Gil, 2019).

513

A análise também mostrou que a formação continuada contribui para a construção de uma escola mais democrática e participativa. Professores bem preparados se tornam agentes de transformação, capazes de influenciar positivamente colegas, gestores e famílias, promovendo uma cultura escolar mais aberta e inclusiva. Esse impacto coletivo demonstra que a formação transcende a dimensão individual e repercute em todo o ambiente educacional (Oliveira; Machado, 2021).

Por fim, os resultados evidenciam que a formação continuada é não apenas uma necessidade, mas um direito dos professores e um compromisso da escola e do sistema educacional. Investir em formação é investir na qualidade da educação e na consolidação de uma sociedade mais justa. No caso da inclusão de alunos com autismo, a formação docente representa a diferença entre uma presença simbólica e uma participação efetiva, capaz de transformar a experiência escolar desses estudantes em oportunidade real de aprendizagem e desenvolvimento.

DISCUSSÃO

A análise dos resultados permitiu compreender que a formação continuada de professores é um elemento indispensável para a efetivação da inclusão de alunos com autismo. Os dados apontaram que, sem preparo adequado, os docentes acabam reproduzindo práticas tradicionais que pouco dialogam com as necessidades desse público. Essa constatação reforça a ideia de que a inclusão não depende apenas de legislações e diretrizes, mas da qualificação constante dos profissionais que atuam diretamente no processo educativo (Mantoan, 2015).

Um dos pontos centrais identificados foi o papel da formação continuada na desconstrução de preconceitos. Muitos professores, ao desconhecerem as características do Transtorno do Espectro Autista (TEA), acabam reforçando estigmas que dificultam a participação efetiva dos alunos. Quando expostos a estudos atualizados e a relatos de experiências inclusivas, esses educadores ampliam sua visão crítica, passando a valorizar a diversidade como parte constitutiva do processo de ensino (Schmidt; Bosa, 2017).

Outro aspecto relevante foi o impacto da formação sobre a segurança e a autoconfiança dos professores. A insegurança diante de comportamentos desafiadores é recorrente, especialmente na educação infantil. A formação, ao oferecer estratégias práticas e reflexivas, contribui para que os docentes se sintam mais preparados e dispostos a experimentar novas metodologias, reduzindo a resistência à inclusão (Mello; Schmidt, 2020).

514

A literatura também aponta que programas de formação baseados em metodologias ativas apresentam melhores resultados. Quando os professores participam de oficinas, simulam situações de sala de aula ou analisam estudos de caso, conseguem relacionar teoria e prática de forma mais significativa. Esse tipo de experiência prática facilita a aplicação das estratégias aprendidas no cotidiano escolar, promovendo maior efetividade das ações inclusivas (Gomes; Souza, 2018).

Outro ponto discutido diz respeito à necessidade de a formação continuada não se restringir a técnicas pedagógicas, mas incluir dimensões éticas e humanas. A inclusão de alunos com TEA exige sensibilidade, empatia e disposição para flexibilizar práticas. A formação, nesse caso, atua como espaço de reflexão, no qual os professores podem repensar sua postura e compreender a inclusão como princípio de justiça social (Bosa, 2006).

A articulação entre escola e família, identificada nos resultados, também merece destaque. Professores mais preparados tendem a valorizar a participação dos pais e responsáveis, reconhecendo-os como parceiros no processo educativo. Essa relação fortalece o

acompanhamento do desenvolvimento da criança e permite que a escola construa práticas mais coerentes com a realidade dos alunos (Oliveira; Machado, 2021).

A formação continuada também se mostrou essencial para que os professores utilizem de forma eficaz recursos pedagógicos e tecnologias assistivas. Ferramentas como quadros de rotina, aplicativos de comunicação alternativa e materiais visuais estruturados foram apontados como estratégias fundamentais para alunos com TEA. Contudo, sem preparo adequado, tais recursos podem ser subutilizados ou empregados de maneira inadequada, perdendo seu potencial inclusivo (Camargo; Rispoli, 2014).

Os resultados ainda indicaram que a avaliação contínua é favorecida pela formação. Professores que desenvolvem práticas reflexivas conseguem identificar avanços e dificuldades dos alunos com maior precisão, ajustando suas estratégias de acordo com as necessidades de cada estudante. Essa perspectiva formativa da avaliação rompe com modelos classificatórios e valoriza os progressos individuais, fortalecendo a autoestima e a aprendizagem (Gil, 2019).

Outro ponto discutido é que a formação continuada amplia a capacidade de mediação de conflitos por parte dos professores. Crianças com autismo, por suas dificuldades de comunicação e interação, podem gerar situações de tensão em sala de aula. Professores formados em práticas inclusivas conseguem interpretar esses comportamentos de maneira pedagógica, transformando momentos de conflito em oportunidades de aprendizagem (Silva; Mulick, 2009).

515

A afetividade, ressaltada nos resultados, deve ser compreendida como elemento estruturante das práticas inclusivas. Relações de confiança entre professores e alunos criam ambientes mais seguros e propícios à aprendizagem. A formação, ao valorizar a dimensão socioemocional da docência, contribui para que os professores reconheçam a importância de construir vínculos positivos e de desenvolver práticas mediadas pelo afeto (Schmidt; Bosa, 2017).

A gestão escolar, por sua vez, é peça-chave para que a formação se torne realidade no cotidiano. Não basta que haja vontade individual dos professores; é necessário que a instituição ofereça condições para a formação, como tempo, recursos e apoio. Escolas que assumem a formação como parte de sua política institucional apresentam resultados mais consistentes, mostrando que a inclusão é uma responsabilidade coletiva (Mantoan, 2015).

Outro aspecto relevante é que a formação contribui para a criatividade pedagógica. Professores mais preparados sentem-se motivados a propor atividades diferenciadas, que dialogam com os interesses e estilos de aprendizagem dos alunos com TEA. Essa postura

favorece a participação dos estudantes e fortalece seu protagonismo, ampliando as possibilidades de aprendizagem significativa (Gomes; Souza, 2018).

A redução da evasão escolar de alunos com autismo também foi apontada como consequência indireta da formação. Quando os professores estão preparados, conseguem criar ambientes mais inclusivos e motivadores, o que favorece a permanência e o engajamento das crianças. Assim, a formação impacta não apenas a qualidade da prática pedagógica, mas também a trajetória escolar dos alunos (Oliveira; Machado, 2021).

Outro ponto que emergiu da análise foi a importância das políticas públicas no fortalecimento da formação continuada. Sem investimentos adequados, os cursos tendem a ser superficiais e esporádicos. A consolidação de programas estruturados e contínuos é condição indispensável para que os resultados da formação sejam duradouros e efetivos, garantindo que a inclusão não seja apenas um discurso, mas uma prática cotidiana (Mantoan, 2015).

Por fim, a discussão mostrou que a formação continuada deve ser entendida como direito dos professores e dever do sistema educacional. Ela não é apenas um instrumento de atualização técnica, mas uma estratégia de transformação cultural e pedagógica. A inclusão de alunos com TEA, nesse sentido, só se efetiva quando sustentada por políticas de formação consistentes, por práticas pedagógicas sensíveis e pelo compromisso coletivo de toda a comunidade escolar.

516

CONCLUSÃO

A análise realizada ao longo deste trabalho permitiu compreender que a formação continuada de professores é um elemento essencial para a consolidação de práticas inclusivas voltadas a alunos com Transtorno do Espectro Autista na educação infantil e no ensino básico. Mais do que um processo de atualização de conhecimentos, a formação permanente se mostrou como condição para transformar a cultura escolar, fortalecendo a compreensão sobre a diversidade e criando oportunidades reais de aprendizagem para todos.

Os resultados evidenciaram que a formação continuada contribui diretamente para ampliar a segurança, a criatividade e a autonomia docente, elementos indispensáveis para lidar com os desafios da inclusão. Professores preparados sentem-se mais confiantes para enfrentar situações de sala de aula, propor estratégias diferenciadas e utilizar recursos pedagógicos e tecnológicos de forma mais eficiente. Dessa forma, a prática docente deixa de ser meramente reativa e passa a se tornar planejada, reflexiva e propositiva.

Outro aspecto relevante foi a constatação de que a formação favorece o fortalecimento dos vínculos entre escola e família, além de estimular práticas pedagógicas mais humanizadas e inclusivas. Ao valorizar o diálogo e a corresponsabilidade, a escola se torna espaço de acolhimento, no qual a diversidade é respeitada e as diferenças são entendidas como oportunidades de crescimento coletivo. Esse movimento amplia a legitimidade da instituição escolar e contribui para uma educação mais democrática.

Apesar dos avanços, o estudo também revelou a persistência de desafios que ainda precisam ser enfrentados. A ausência de políticas públicas consistentes, a escassez de recursos materiais e humanos e a resistência de alguns profissionais ainda limitam a efetividade da inclusão. Esses obstáculos, no entanto, não anulam os progressos alcançados, mas apontam para a necessidade de um esforço conjunto entre gestores, professores, famílias e órgãos públicos, de modo a consolidar a formação como prática permanente.

Conclui-se, portanto, que a formação continuada de professores é condição indispensável para que a inclusão de alunos com autismo deixe de ser um ideal distante e se torne realidade concreta. Mais do que um direito dos educadores, ela é um compromisso ético da sociedade com a construção de uma escola justa, democrática e inclusiva. A formação, nesse sentido, não apenas qualifica a prática docente, mas também fortalece o papel da escola como espaço de cidadania, participação e transformação social.

REFERÊNCIAS

- BOSA, Cleonice Alves. Atenção compartilhada e linguagem no autismo infantil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 275-281, 2006.
- CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como contribuição à educação inclusiva de pessoas com autismo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 20, n. 3, p. 357-372, 2014.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GOMES, Camila Ferreira; SOUZA, Ana Paula. Inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista: desafios e possibilidades na escola regular. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 31, n. 62, p. 89-104, 2018.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: pontos e contrapontos. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. esp., p. 1-16, 2015.
- MELLO, Ana Paula; SCHMIDT, Carlo. Formação de professores e inclusão de alunos com autismo: reflexões sobre práticas na educação infantil. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 26, n. 4, p. 743-758, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.

OLIVEIRA, Paula; MACHADO, Simone. A participação da comunidade escolar na gestão democrática: avanços e desafios. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 59, n. 54, p. 89-106, 2021.

SCHMIDT, Carlo; BOSA, Cleonice Alves. Autismo e inclusão: relatos de experiências de professores. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 23, n. 2, p. 165-180, 2017.

SILVA, Luiz Renato Rodrigues; MULICK, James A. O uso da análise do comportamento aplicada (ABA) no tratamento de indivíduos com autismo. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 283-297, 2009.